

**REINVENTAR A LEITURA:  
UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS DE UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA**

**REINVENTING READING:  
A GAZE ON PRACTICES IN A COMMUNITY LIBRARY**

*Gisele Massola<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A leitura, esta prática naturalizada na cultura contemporânea, pode ser considerada em suas diferentes significações e contextos. Neste artigo, que é parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado, discuto algumas práticas de leitura desenvolvidas pela biblioteca comunitária Ilê Ará, localizada em Porto Alegre/RS. Utilizando aportes teóricos da etnografia e dos Estudos Culturais, analiso a variedade de formas como a leitura é realizada, difundida e potencializada. Nessa biblioteca ela é apresentada aos leitores na forma de “malas de leitura”, saraus poéticos, encontros literários, conversas com autores, entre outros. Assim, este espaço expande-se e se reconfigura, sacudido por múltiplas linguagens: variedade de gêneros textuais, diferentes obras de literatura, ilustrações coloridas, almofadas espalhadas pelo chão. Levando em conta esse contexto, discuto como a profusão de formas de ler, articuladas a outras práticas – teatrais, poéticas, celebrativas – responde a um “imperativo do prazer” e transforma as relações e os locais dedicados à promoção da leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Ilê Ará. Biblioteca comunitária. Estudos Culturais.

**ABSTRACT:** Reading, this naturalized practice in contemporary culture, may be taken in its different meanings and contexts. In this paper, which is part of a research developed in a master's programme, I discuss some reading practices developed in the community library Ilê Ará in Porto Alegre (RS). Drawing from ethnography and Cultural Studies, I analyze a variety of ways to conduct, distribute and enable reading. In this library, it is introduced to readers as 'reading bags', poetic soirées, literary meetings, talks with writers, among others. Thus, this space is expanded and reshaped, shaken by multiple languages: a variety of textual genres, different literary works, coloured illustrations, and cushions spread on the ground. Taking this context into account, I discuss how the profuse ways of reading, associated to other practices – drama, poems and celebrations – respond to a 'demand of pleasure' and change relationships and places designed to promote reading.

**KEYWORDS:** Reading. Ilê Ará. Community library. Cultural Studies.

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Professora do curso de Pedagogia em EAD da ULBRA - Universidade Luterana do Brasil. Membro do grupo de pesquisa *Os Povos indígenas como personagens e autores da literatura que chega às escolas* do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA. E-mail: giselemassola@gmail.com

## Introdução

Procurando atender as demandas para formação de uma população leitora, acentuou-se, nas últimas décadas, uma série de produções incentivadas e desenvolvidas pelo Ministério da Educação<sup>2</sup> que norteiam as políticas governamentais para a promoção da leitura. Estas ações oficiais evidenciam, também, a importância conferida à leitura, em múltiplas representações constituídas em revistas de divulgação pedagógica, periódicos, propagandas, encartes e na mídia que parecem dar força (ou visibilidade) a um discurso que institui o gosto e o prazer como caminhos indispensáveis para se chegar a um bom leitor. E o prazer da leitura parece ser tomado, além disso, como mola propulsora da formação de pessoas críticas e cidadãs.

Para dar visibilidade a esse discurso em prol da leitura, acionam-se estratégias diversificadas, endereçadas aos mais variados públicos. Dessa forma as bibliotecas, espaços rigorosamente destinados à prática da leitura, passaram a ser reconfiguradas. Elas vão gradativamente abandonando o aspecto sóbrio e cerimonioso, que faz lembrar desconforto ou que remete ao esforço que a leitura implica, e passam a contar com almofadas espalhadas pelo chão, ilustrações coloridas nas paredes, diferentes obras de literatura ao alcance das mãos, e uma variedade estonteante de gêneros textuais. Além disso, muitas bibliotecas apelam para um processo mediado de leitura, em sessões coletivas, em apresentações teatrais, entre outras ações, que são promovidas para colocar sob controle um ambiente que não deve, nem de longe, comportar qualquer atributo que possa ir na contramão do objetivo operacional de fabricar assíduos leitores e, ao mesmo tempo, cativar consumidores de livros.

Nesse sentido, observa-se um esforço empreendido em modificar a arquitetura destes espaços tornando-os mais coloridos, alegres, acolhedores. Diversificam-se as estratégias para constituir experiências prazerosas, assemelhadas àquelas vividas em frente à televisão ou diante de monitores de computador. Mesmo com todas as modificações contemporâneas, as bibliotecas dão visibilidade à leitura, como uma prática naturalizada e desejável a todos os sujeitos, em qualquer circunstância.

Este artigo resulta de uma pesquisa mais ampla que desenvolvi no mestrado, cujo objetivo era analisar os significados de leitura produzidos nas práticas da biblioteca comunitária *Ilê Ará*,<sup>3</sup> localizada em uma região periférica da cidade de Porto Alegre. Nessa experiência, examinei as diversas ações da biblioteca direcionadas à comunidade do Morro da Cruz. Interessava-me, de modo especial, examinar como essa biblioteca organiza ações para a formação de sujeitos leitores e como os discursos que ali circulam se vinculam a outros – midiáticos, cotidianos, de instituições governamentais e não governamentais, por exemplo – constituindo e posicionando os sujeitos leitores e não-leitores.

Tomando este contexto no qual a leitura é amplamente valorizada e difundida, meu objetivo, neste artigo, é discutir como a profusão de formas, estilos e gêneros textuais, articulados a outras práticas – teatrais, poéticas, celebrativas – responde a um “imperativo do prazer” e transforma as relações e os locais dedicados à promoção da leitura.

<sup>2</sup> Exemplificando alguns destes programas e ações governamentais que versam sobre questões envolvendo a temática da leitura, destaque: *Plano Nacional do Livro e da Leitura* (PNLL), *Programa Nacional Biblioteca da Escola* (PNBE), *Câmara Brasileira do Livro* (CBL), *Pró-Letramento*, *Bienal do Livro* e o prêmio *VivaLeitura*. Disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/index.html>. Acesso em set/2010.

<sup>3</sup> Esta biblioteca é o resultado de um dos projetos incentivados pelo Instituto Leonardo Murialdo (ILEM), com apoio financeiro e parceria do Instituto C&A (IC&A), uma entidade sem fins lucrativos, ligada ao grupo C&A, procurando manter projetos e ações que visem promover e qualificar o processo de educação de crianças e adolescentes no Brasil. Para atingir essas intenções, tem concedido apoio técnico e financeiro a programas e projetos sociais (promovidos por diversas instituições). O instituto articula-se de forma indireta à promoção de programas e projetos sociais de terceiros, condicionando o apoio financeiro ao critério de que as ações/projetos estejam situadas em cidades ou regiões metropolitanas onde a empresa C&A esteja em funcionamento. Esta condição liga-se ao fato de que a empresa recruta funcionários como voluntários para acompanhamento das ações e, no caso dos projetos de biblioteca, eles atuam diretamente, como mediadores de leitura.

### Organizando o espaço, selecionando leituras, promovendo ações para cativar leitores

Na busca de tornar a leitura um ato prazeroso a própria organização do espaço físico é tida como algo fundamental. Passo a descrever, então, algumas estratégias adotadas para assegurar experiências prazerosas de leitura.

Muitas bibliotecas<sup>4</sup> contam, na atualidade, com distintos ambientes: estantes ao alcance dos leitores de diferentes idades, organizadas de modo a dar visibilidade a certas obras consideradas importantes; ambientes decorados com cortinas com diferentes texturas e grafismos, tapetes, mantas coloridas, poltronas, *puffs*, almofadas, cores intensas nas paredes. Tal aspecto dilui, de certa forma, a rigidez e a formalidade diante dos livros, proporcionando uma sensação agradável e aconchegante e distanciando-se das imagens mais comuns de bibliotecas até algumas décadas atrás – em cores sóbrias e uniformemente pintadas.

As atividades da biblioteca comunitária descrita neste artigo foram iniciadas com a utilização de um recurso incomum: a circulação de “malas de leitura”. Essas “malas” contendo livros, revistas, gibis, circulam entre as casas do bairro e tinham três funções principais: a primeira, destinada à divulgação da biblioteca e dentro da comunidade; a segunda, para afirmar as ações de promoção da leitura; e, a terceira, para atrair a participação dos moradores ao local, à medida que estes estão sendo “convocados” a circularem pelo espaço quando precisam preencher os cadastros e devolver as malas que receberam.

As malas eram encaminhadas às famílias, permanecendo por um período determinado e, no momento da devolução, confirma-se o cadastro daqueles que desejavam manter o vínculo. O projeto iniciou com três malas de circulação, hoje conta com sete. Ao que parece, esta é uma das estratégias utilizadas para levar a leitura até o potencial leitor, e, para que ela seja convidativa, as obras são adequadas ao que se entende ser a composição de cada família (cujas informações são sistematizadas a partir de variadas estratégias de informação).

A diferenciação no conteúdo da mala de leitura me faz pensar no que diz Veiga-Neto (2003) acerca do poder: na perspectiva foucaultiana, o poder opera criando sistemas de diferenciações que permitem agir sobre a ação dos outros e, nesse caso, as diferenciações relacionam-se às habilidades, aos gostos e preferências dos potenciais leitores. Conhecer, portanto, o “perfil” dessas famílias é condição fundamental para adequar a mala de leitura e para que ela cumpra sua função de motivar o ato de ler.

Nas análises que desenvolvi, estas práticas podem ser entendidas como formas produtivas de motivar a leitura e de despertar esse desejo também naqueles que dificilmente se dirigiam à biblioteca para ler, mas que, nesse contexto, podem ser conquistados pelos efeitos desta política.

Após a circulação das primeiras malas, intensificaram-se os serviços de empréstimo dos materiais disponíveis no acervo, bem como as atividades de mediação de leitura. Essa atividade, geralmente realizada pelos mediadores de leitura, desenvolve-se a partir da leitura de um livro, conto, crônica ou poesia para pequenos grupos de crianças, jovens ou adultos, e geralmente ocorre com a apresentação da obra, a leitura da história, a observação das ilustrações, e abre-se, ao final, espaço para comentários e percepções. Nessas mediações de leitura procura-se colocar o grupo selecionado em contato com textos de autores clássicos e reconhecidos nacional ou internacionalmente.

Outra estratégia adotada pela referida biblioteca é o atendimento de senhoras e adultos, três vezes por semana, para aulas de alfabetização. Nas aulas que tive a oportunidade de acompanhar, os temas relacionavam-se ao cotidiano, sendo elaborados previamente, pela educadora voluntária,

<sup>4</sup> Embora a biblioteca, objeto de minhas investigações, tenha sido nomeada na primeira parte do artigo, ao longo do texto optei por utilizar o termo biblioteca comunitária ou apenas biblioteca para referir-me a este espaço. Faço esta opção embasada nos escritos de Silveira (2001) ao ponderar que tal cenário configura-se motivado por um discurso mais amplo que busca instituir a leitura como uma prática prazerosa. Partindo dessa concepção, entendo que certas marcas, aspectos, formas de organização, distribuição de ambientes internos, mobiliário, práticas cotidianas, rituais, assemelham-se a imagem de outras tantas bibliotecas não estando restritas apenas a esta que analisei.

alguns exercícios didáticos, valendo-se de estratégias, como jogos, montagem de listas de compras, trabalhos artesanais utilizando nomes próprios, leituras de bulas de remédios, receitas de culinária, entre outras. Observa-se, assim, que a biblioteca se torna espaço de leituras diversificadas, e não apenas daquelas cujo suporte é o livro.

Na tentativa de atingir um maior número de pessoas, organizam-se também atividades que articulam leitura e arte: realizam-se, por exemplo, encontros literários, saraus poéticos, “café com letras” e conversas com autores de obras conhecidas. E para dar mais ênfase a esses momentos, os organizadores trazem autores “consagrados” até a biblioteca para conversar com a comunidade, o que se torna, via de regra, um importante acontecimento, mobilizando alguns meios de comunicação.

Diante de todas essas ações desenvolvidas, percebe-se que as pessoas que frequentam essa biblioteca comunitária encontram não apenas livros e textos, como também um ambiente que se expande, se diversifica, para estabelecer elos com os potenciais e assíduos leitores. Além disso, organizam-se momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. A busca pela biblioteca implica, em alguns casos, em busca de informação atualizada: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa.

Nas análises que desenvolvi, esse conjunto de práticas pode ser entendido como uma produtiva maneira de motivar aqueles que dificilmente se dirigiriam à biblioteca para ler, mas que, nesse contexto, podem ser envolvidos pelos efeitos desta rede mais ampla de práticas.

### **Olhando para práticas e significados de leitura em diferentes tempos e contextos**

Para falar de práticas de leitura é indispensável considerar o modo como nos tornamos, historicamente, uma sociedade que valoriza o livro e a leitura. Nesse sentido, Chartier (1994) afirma que os significados de leitura estão focados também nos processos de produção e de transformação do texto escrito, com seus diferentes formatos, suportes e gêneros. Para ele, ao falar em leitura é necessário inscrever esta prática em uma história de longa duração.

Ao tratar das mudanças históricas na prática de leitura e no livro, o autor distingue dois níveis de análise: o primeiro diz respeito às revoluções da técnica de reprodução dos textos e o segundo relaciona-se às transformações na forma e no estilo de leitura. Destaco, da ampla discussão feita por ele, certos aspectos que considero fundamentais para entender alguns sentidos contemporâneos de leitura.

Em relação à técnica, Chartier (1994) registra que o livro não surge com a invenção de Gutenberg, uma vez que, antes da invenção da imprensa, ele já possuía certas estruturas fundamentais – já era montado a partir de folhas dobradas, paginadas, reunidas em cadernos. Não se trata de uma ruptura com a forma anterior, pois “o livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do *libro da banco* ao *libellus*; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc” (CHARTIER, 1994, p. 187).

A revolução da imprensa deve ser considerada fundamental quando se fala das possibilidades de disseminação do texto escrito, mas não a única forma possível para tal. Exemplificando tal afirmação, Chartier lembra a experiência de culturas orientais (chinesas, japonesas, coreanas) que, utilizando-se de caracteres móveis muito antes de Gutemberg, asseguram uma circulação em grande escala de textos impressos através da técnica de xilografia. E mesmo nas sociedades ocidentais, a adoção do livro impresso como forma de reprodução de textos escritos não foi unânime, por razões variadas.

O segundo nível de análise que o autor considera crucial na história da leitura se relaciona à forma e ao estilo de tal prática. No que tange à forma, ocorre uma grande transformação na expressão física e corporal do ato de ler: trata-se da passagem de uma leitura oralizada para uma leitura silenciosa e visual. A leitura oralizada já era uma convenção cultural na antiguidade, na qual

se associavam o texto e a voz, a declamação e a escuta do texto. Naquele contexto, ler em voz alta tinha uma função pedagógica, na qual os jovens podiam exibir seu domínio da retórica e também funções literárias, pois era assim que os autores podiam colocar suas produções em circulação. Em especial os autores de peças teatrais resistiam a escrever seus textos por entender que desse modo eles seriam privados de sua vida (CHARTIER, 2002).

No que tange ao estilo de leitura, o mesmo autor afirma que ocorre, na segunda metade do século XVIII, uma mudança de um estilo intensivo para outro, extensivo, e isso tem relação com a circulação mais ampla de texto escrito, proporcionada pela imprensa. Ele explica que “o leitor *intensivo* é confrontado com um *corpus* limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração” (CHARTIER, 2002, p. 189). O leitor intensivo tinha acesso restrito ao material disponível para leitura e suas fontes principais eram os escritos religiosos. Em outra direção situa-se a leitura extensiva, que ocorre em variados impressos, em suportes distintos e caracteriza-se como uma leitura ágil, ávida e, por ser retirada do âmbito sagrado (fechado), possibilita a crítica e a dúvida sobre a “verdade” do texto. Pode-se dizer que as bibliotecas contemporâneas são a expressão de um modo extensivo de leitura – é cada vez mais evidente que se deseja um leitor ávido, ágil, capaz de interagir com o texto e transformá-lo, dar-lhe sentidos variáveis, conferir-lhe utilidade, entre outros aspectos.

Mas a atualidade não é marcada apenas pelo estilo extensivo de leitura, também se registram práticas intensivas, especialmente em textos religiosos, poéticos e, ainda, na leitura popular de cordel, baseada na memorização, na leitura oralizada e na declamação. De todo modo, observa-se uma sensível ampliação da produção de livros, jornais, revistas, folhetos, encartes, e surgem diferentes e atrativos formatos para obras, emergem diferentes grupos dedicados à expansão da leitura: sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas populares, comunitárias, volantes, e tudo isso possibilita uma visibilidade do ato de ler, naturalizando-o como prática desejável, cotidiana, constante, urgente.

Ao que parece, também o surgimento das formas virtuais de texto escrito – com seu potencial interativo, hipertextual, multimidiático – afeta nossas maneiras de produzir, fazer circular, consumir e dar sentido aos textos e a nós mesmos, como leitores. Investigar o efeito dessas práticas de leitura e escrita virtuais é certamente instigante. Mas Chartier (2002) insiste na importância de pensarmos na potencialidade das práticas de leitura que têm por suporte o livro. Para ele, a biblioteca deve ser lugar de conhecimento e de análise da cultura escrita nas formas que foram e que ainda são, majoritariamente, praticadas. “Mais do que nunca, talvez, uma das tarefas essenciais das grandes bibliotecas seja coletar, proteger, recensear (...) tornar acessível a ordem dos livros que continua sendo a nossa e foi a dos homens e das mulheres que lêem desde os primeiros séculos da era cristã” (CHARTIER, 2002, p. 196).

É importante registrar ainda, como faz o autor, que dentro desta aparente cultura compartilhada existe uma multiplicidade de práticas de leitura e de formas de consumo e comercialização de textos impressos. Por essa razão é relevante levar em conta o tempo, o local e a forma como tais práticas se realizam, desenvolvendo pesquisas situadas em contextos específicos, como a que realizei na biblioteca comunitária.

Frente a tais considerações, penso que as formas do texto e o suporte importam na construção de sentido, mas, como afirma Chartier (2001, p. 31), “não é menos importante o papel do leitor nesse ato de produção cultural”. E não se trata de um leitor abstrato, aquele sujeito que domina certas capacidades de decifrar um texto escrito, mas de leitores vinculados a certas práticas específicas e a determinados grupos nos quais se constituem como tal.

Qualquer leitor pertence a uma comunidade de interpretação e se define em relação às capacidades de leitura; entre os analfabetos e os leitores virtuosos há todo um leque de capacidades que deve ser reconstituído para entender o ponto de partida de uma comunidade de leitura. (CHARTIER, 2001, p. 32).

As práticas de leitura cotidianas são inumeráveis e para analisá-las é preciso buscar as condições compartilhadas a partir das quais os leitores se situam e dão sentido ao ato de ler. Tal atitude de pesquisa possibilita mostrar ainda que o mundo da leitura não é feito apenas de códigos, de estatísticas, ou de hierarquias entre bons e maus leitores, mas de diferentes experiências, individuais e compartilhadas, frente ao texto.

A leitura – e a definição de quem é leitor – sustenta-se, de modo geral, num conjunto de discursos (por vezes ambíguos) que operam para fixar verdades, definindo condutas desejáveis de leitura, ou seja, determinando o que se lê, de que forma se lê ou o que não deve ser lido.

Assim sendo, somos posicionados, em certas circunstâncias, como bons leitores quando desenvolvemos práticas desejáveis de leitura, quando somos aptos a ler as diversas linguagens do dia a dia e a comunicar-nos e expressar-nos em diferentes instâncias, quando somos capazes de “estimular nosso raciocínio” e capazes de discernir e de fazer “boas” escolhas, reconhecendo e exercendo nossos direitos enquanto cidadãos. Em outros contextos, somos tidos como “não leitores”, ou seja, como sujeitos que leem muito pouco, que não leem quantidades desejáveis de livros, incapazes de realizar leituras de textos longos, de localizar e relacionar mais de uma informação, comparar dados, identificar fontes.

### **Imperativo do prazer definindo práticas contemporâneas de leitura**

Ao que parece, mesmo quando se amplia o espectro para pensar a leitura inserida no cotidiano, o que efetivamente se leva em conta ao classificar os sujeitos como leitores ou não-leitores é a leitura literária, clássica, técnica, erudita, acadêmica. Poderíamos indagar: quais os efeitos desse entendimento restrito de leitura? Poderíamos dizer que as práticas pedagógicas, que posicionam o ato de ler como hábito articulado a um tipo de leitura, produzem e ressignificam oposições binárias estabelecidas tradicionalmente entre “culto” e “o popular”, sendo o primeiro termo tomado como referência para nomear e posicionar aquilo que se atribui ao segundo termo e que se considera inculto.

Chartier (2001) lembra que a leitura sempre foi uma prática sobre a qual se impõe uma autoridade – a de quem define as normas de escrita, daqueles que ensinam como se deve ler, o que se deve ler, em diferentes camadas sociais. Mas, em discursos contemporâneos sobre a leitura, o centro das atenções parece ser o leitor, suas experiências, suas preferências, seu conforto, seu gosto e o prazer que ele deveria encontrar no ato de ler.

É possível tirar prazer do que lemos por necessidade, da mesma forma que ler por prazer pode tornar-se uma necessidade em nossas vidas. Aprendemos com as leituras prazerosas, descompromissadas, escolhidas ao sabor do desejo, sem preocupação em buscar informações, em responder perguntas (PRAZER EM LER, 2006, p. 21-22).

O excerto acima, que compõe um documento norteador das ações da biblioteca comunitária na qual desenvolvi esta pesquisa, é um exemplo das múltiplas formas pelas quais o prazer na leitura é tomado como uma necessidade, uma condição, uma urgência nas práticas da biblioteca.

Na biblioteca comunitária presenciei diferentes ações voltadas para desenvolver o gosto dos leitores e, em função disso, também observei diferentes dispositivos em ação para entender “quem é” o leitor, sondar seu estilo, suas preferências e assim traçar um “mapa” de textos de seu agrado. Assim, é possível dizer que ocorreu uma importante mudança na atitude em relação aos leitores: adquiriu força um discurso que institui como imperativo o prazer pela leitura, prazer que só pode ser “oferecido” à medida que a biblioteca dispõe de um acervo diversificado e conhece os “seus usuários”. Um apelo ao gosto, à sedução, à sensibilidade, ao incentivo está presente em publicações, documentos, peças publicitárias da mídia, entre outros materiais que reafirmam a leitura como mola propulsora do refinamento dos costumes, da autonomia, da cidadania.

Especificamente na biblioteca comunitária que analisei pude ver como as ações se expandem em muitas direções: ela abriu suas portas, estendeu seus limites para o pátio, para as salas de aula das escolas da vizinhança, para as casas das famílias, através da “mala de leitura”; para os espaços públicos, em momentos específicos de encontro com a comunidade, tal como os saraus de poesia. Como símbolo visível desse movimento, em direção ao leitor, lembro-me da primeira imagem que vi da biblioteca: ela era cercada por um grande muro e, aos poucos, foi sendo reformada e o muro cedeu lugar a uma cerca gradeada, com um grande portão que permanece sempre aberto. Além disso, suas paredes revestiram-se de grafites, marcas de culturas juvenis que circulam nesse ambiente.

As modificações no ambiente foram marcantes na estruturação da biblioteca comunitária. Importante destacar os dois anos em que frequentei essa biblioteca, ela passou por duas reformas propostas especialmente para tornar o espaço mais atrativo. Além disso, observei no dia a dia da biblioteca uma infinidade de propostas que visam envolver os leitores – leituras mediadas, atividades de colagem, pintura, montagem de objetos a partir de uma obra selecionada e lida.

Ao que parece, a convocação à leitura prazerosa evidencia-se na organização do espaço dedicado às ações de leitura: os suportes são múltiplos e o leitor deve demonstrar que saboreia as histórias através de práticas oralizadas, teatrais, ou traduzidas em gestos concretos como plantios de mudas, produção de desenhos, pinturas, gravuras, colagens. Mas tal prazer também é proporcionado por um conjunto de adereços para assegurar um ambiente acolhedor, tais como as estantes claras, os sofás macios, as cortinas coloridas, dispostas para diminuir a luminosidade, além das pinturas temáticas, desenhos de crianças espalhadas pelas paredes, tornando o ambiente mais familiar e interativo.

Para estimular a leitura desde cedo, algumas atividades são realizadas com as crianças da creche, que se localiza em frente à biblioteca comunitária. E tais momentos são organizados não apenas a partir do livro, mas através da leitura também se promovem apresentações teatrais, interações com música, entre outros recursos.

De acordo com Silveira (2001, p.112),

promover a leitura, formar o leitor (‘competente’, em alguns discursos), incentivar o hábito de ler, criar/despertar o gosto pela leitura... são sintagmas que a partir do início dos anos de 1980 vão povoar praticamente todas as publicações pedagógicas que, de alguma maneira, abordem a questão da leitura [especialmente] na escola.

Conforme destaquei anteriormente, a biblioteca coloca em funcionamento diferentes mecanismos que lhe possibilitam conhecer os leitores para, assim, ofertar leituras que atendam os seus gostos. Esse espaço é atravessado por um desejo de produzir leitores competentes e, ao mesmo tempo, de agradar a um leitor-cliente cada vez menos interessado em longos tempos diante do livro para conhecer e para informar-se. Tudo isso tem a ver com as transformações, não apenas nos veículos e suportes do texto escrito – agora digital, virtual, multimidiático – como também nas profundas mudanças na sociedade contemporânea, identificada por Bauman (2008) como sociedade de consumidores. Essas experiências de leitura, mediadas pelo prazer, constituem novas relações com a escrita, outros desejos associados ao ato de ler, diferentes maneiras de nos tornarmos leitores.

Chartier (1999) enfatiza as modificações discursivas que posicionam sujeitos leitores e constituem suas práticas. Segundo o autor, em linhas gerais, tais modificações passaram pela “leitura regulada” intermediada pelos interesses da Igreja que procurava assegurar uma formação leitora individualizada, preocupada com o tipo de leitura, seleção do acervo, limitação do acesso a determinadas informações com fins de controle do que se lê, como se lê e quais suas finalidades.

A partir das mudanças no processo de produção de livros e periódicos (com formas mais industrializadas e com o surgimento de marcas editoriais) tornou-se praticamente impossível a supervisão da leitura, por parte dos clérigos. Soma-se a esses fatores o advento do Estado republicano, em que a leitura passou a ser prática escolar obrigatória, idealizando modelos de

referências culturais, nacionalidade, leituras a serem priorizadas sem as marcas ligadas diretamente à formação cristã, marcada por gestos padronizados, leitura coletiva, voltada para a obediência e a adesão. “Essa captura decorre de modo necessário da existência de um dispositivo estatal de controle e coerção para ensinar todos a ler” (CHARTIER, 1999, p. 587).

Entretanto, o modelo contemporâneo, que pode ser associado às práticas de leitura, não pretende abandonar a formação nem a informação, e se volta para aprendizagens de leitura mais “eficazes”, trabalhadas didaticamente e marcadas pela necessidade de vinculação entre leitura e prazer. Produzem-se, dessa forma, discursos consensuais que impelem aqueles que organizam e promovem a leitura a renovar suas práticas e reconhecer os diferentes interesses de seus leitores para, então, conduzir eficazes estratégias que os façam ler.

### **Algumas palavras finais**

Quando decidi discutir as práticas da biblioteca, tomei contato com produções de autores que, na atualidade, têm questionado a projeção universalista da leitura (algo que se aprenderia e se faria de maneira mais ou menos homogênea). Numa perspectiva cultural, tal prática é pensada como produção que se vincula a diferentes condições históricas, culturais, sociais. Chartier (2001) afirma que as histórias que contamos sobre nós mesmos e nossas maneiras de ler estão relacionadas com os significados sociais de leitura (como uma prática universal da qual devemos nos apropriar inevitavelmente). A partir de tais representações aprendemos o que é “verdadeiramente” um leitor e somos incluídos/ nos incluímos (ou não) em grupos que, por sua vez, também não são homogêneos.

As considerações deste autor me fizeram pensar que, no contexto atual, as relações com a leitura são variáveis e muitas vezes imprevistas: leituras que se buscam ocasionalmente para, por exemplo, realizar uma tarefa escolar, ou aguardar alguém que participa de outra atividade na biblioteca; leituras que se realizam regularmente nos jornais diários; leituras feitas individualmente, em espaços reservados, e também aquelas que se procedem publicamente, em mediações, em apresentações teatrais.

Além disso, um leitor pode ser visto como aquele que “devora” livros – ainda tidos como fontes “estáveis” de um saber socialmente valorizado, mas um “bom” leitor também pode ser definido pelo tipo de livro que escolhe para ler, uma vez que as obras são valorizadas distintamente, em função do gênero, da autoria, da temática, etc. E um leitor pode ainda ser visto como o que lê revistas, gibis, bíblias, bulas de remédios, receitas culinárias, anúncios publicitários, partituras musicais. Sem falar que o termo “leitura” é também empregado de modos variáveis, para outras produções que não apenas os textos verbais – afinal hoje somos convocados a ser hábeis leitores de imagens, fotografias, placas, sinais, slogans, peças publicitárias, grafismos diversos inscritos em muros, em objetos e em corpos.

São várias as práticas de leitura, em razão de serem também variados os contextos em que ela se concretiza e as formas pelas quais se estabelece. No entanto, aprendemos a identificar leitura com texto escrito e, mais ainda, com a quantidade e qualidade dos livros que um leitor escolhe e efetivamente lê. E para que este leitor se torne assíduo, competente e disciplinado, impõe-se como condição que a leitura seja apresentada a ele como fonte de prazer.

Mesmo considerando, neste texto, os muitos investimentos feitos para tornar a leitura prazerosa, penso que aprender nem sempre significa gozo, uma vez que implica em inquietude, em busca, em esforço intelectual, em disciplina corporal. Se a leitura é vista apenas pelas lentes desse imperativo do prazer, todo o processo se reconfigura, e as práticas se mesclam a outras tantas, convertendo os tradicionais espaços silenciosos e fechados em verdadeiros “centros de lazer”, nos quais se oferece diversificadas programações e ambientes reconfortantes.

O que pude observar nos espaços desta biblioteca, e que vejo acontecer em outras tantas bibliotecas que conheço, é uma mescla de formatos, de suportes, de possibilidades de leitura, e tudo isso responde a urgência de formar cada vez mais leitores assíduos e competentes. Mas é

importante observar que a circulação nestes ambientes destinados à leitura produz muito mais do que atos de ler: no caso desta biblioteca, em particular, as pessoas que frequentam não buscam apenas leituras de textos verbais, como também espaços de encontro com outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. Elas buscam também informação: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou ainda estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa. Elas encontram neste ambiente um lugar seguro para deixar os seus filhos enquanto saem para realizar algum trabalho.

Sobre as formas de utilização da palavra “leitura”, Pécora (2001) nos lembra que os variados usos propiciam “romper com a idéia monolítica e homogênea que se tem comumente do seu processo, dado como natural e espontâneo” (p. 14). O autor reconhece que o uso excessivo do termo pode tornar indistintas certas práticas de leitura que não são a mesma coisa – é inegável que a leitura de texto verbal se distingue da leitura de obras de arte, que por sua vez se distingue da observação de álbum de fotografias, ou ainda da “leitura do mundo”, ou seja, da problematização de um contexto social. No entanto, os usos plurais da palavra leitura deixam claro que não se pode mais pensar nela como algo invariável. Utilizar suportes variados, ler com frequência e ritmos diferentes, em locais específicos ou em salas de espera, em vias públicas, em bancos de ônibus, tudo isso pressupõe capacidades, interesses, motivações, possibilidades diferentes.

Nessa mesma direção, vale relembrar o que diz Chartier (2001, p. 242): “as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos”. Além da variedade de práticas de leitura e de interações que ocorrem no espaço das bibliotecas contemporâneas, pode-se destacar que as experiências de leitura mediadas pelo prazer constituem, inevitavelmente, novas relações com a escrita, outros desejos associados ao ato de ler, diferentes maneiras de nos tornarmos leitores.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. (Um debate entre). A leitura: uma prática Cultural. In: BOURDIEU, P.; BRESSON, F.; CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

CHARTIER, R. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p.185-199, 1994.

\_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldina e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. Os desafios da escrita. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. ano 3 n. 25, 2002.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2004.

PÉCORA, A. O campo das práticas da leitura segundo Chartier. In: BOURDIEU, P.; BRESSON, F.; CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

PETRUCCI, A. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

PRAZER EM LER. 2006. Disponível em: <[www.institutocea.org.br](http://www.institutocea.org.br)>. Acesso em: 05 nov. 2008.

MASSOLA, Gisele. *Significados de leitura e produção de identidades: um estudo de práticas da biblioteca comunitária Ilê Ará*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

MASSOLA, G.; BONIN, I. T. A comodificação da leitura na sociedade de consumidores. In: COSTA, M. V. (Org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SILVEIRA, R. M. H. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, M. V. (Org.). *O currículo nos limiares contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VEIGA-NETO. Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, maio/ago. 2003.

Recebido em: 26 de setembro de 2010.

Aprovado em: 18 de outubro de 2010.